

A LINGUAGEM COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE E FORÇA CENTRÍFUGA DE RESISTÊNCIA EM O CONTO DA AIA E OS TESTAMENTOS, DE MARGARET ATWOOD

THE ROLE OF LANGUAGE AS AN APPARATUS OF CONTROL AND AS A CENTRIFUGAL FORCE OF RESISTANCE IN *THE HANDMAID'S TALE* AND *THE TESTAMENTS* BY MARGARET ATWOOD

Yohana Gonçalves Bonfim*

Evanir Pavloski**

RESUMO: O conto *da aia* (1985) e *Os testamentos* (2019), de Margaret Atwood, figuram a República de Gilead, um regime que controla rigidamente a população, principalmente as mulheres. O estreitamento da linguagem, falada ou escrita, é utilizado como um dispositivo de controle. Apesar disso, as respectivas protagonistas - Offred e Tia Lydia - utilizam a linguagem como força centrífuga de resistência, pois registram relatos sobre as violências que passaram. Assim, objetivamos analisar comparativamente os relatos a fim de compreender como a linguagem é tanto um dispositivo de controle quanto força centrífuga de resistência. Refletimos também sobre os papéis sociais de Aias e Tias e a extensão e/ou falta de poder concedido a eles. O estudo é fundamentado nas considerações de Mikhail Bakhtin, como as forças centrípetas e centrífugas no discurso; e de Michel Foucault sobre o conceito de dispositivo.

PALAVRAS-CHAVE: Margaret Atwood; linguagem; resistência.

ABSTRACT: *The Handmaid's Tale* (1985) and *The Testaments* (2019) by Margaret Atwood depict the Republic of Gilead, a regime that rigidly controls the population, mainly women. The restriction of language, both spoken and written, is used as an apparatus

* Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e graduada em Letras Português / Inglês e suas respectivas Literaturas pela mesma universidade. E-mail: yohanabonfim@gmail.com.

** Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pós-Doutor em Teoria Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Professor do Departamento de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: evanir.pv@gmail.com.

of control. However, the respective protagonists – Offred and Aunt Lydia – employ language as a centrifugal force of resistance by documenting the violence they endured. This study aims to comparatively analyze the narratives to understand how language functions as both an apparatus of control and a centrifugal force of resistance. We also aim to reflect on the social roles of Handmaids and Aunts and the range and/ or lack of power granted to them. The study is supported by Mikhail Bakhtin's concepts, such as centripetal and centrifugal forces in discourse and Michel Foucault's concept of apparatus.

KEYWORDS: Margaret Atwood; language; resistance.

INTRODUÇÃO

A narrativa distópica *O conto da aia* (1985) figura um governo totalitário e opressor conhecido como República de Gilead. A protagonista narradora é Offred, uma mulher forçada pelo regime a desempenhar a função atribuída ao grupo das Aias. Pertencem a esse grupo mulheres que cometeram alguma transgressão e são obrigadas a ter relações com homens de classes privilegiadas a fim de gerar prole. Na sociedade distópica criada por Atwood, o regime retira direitos civis, políticos e sexuais das mulheres.

O contexto social de escrita do romance é a crescente onda conservadora e antifeminista nos Estados Unidos durante os anos 80. Esse período de retrocesso foi nomeado pela autora Susan Faludi como *backlash*, no livro *Backlash – O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres* (1991). Conforme a autora: “os anos 80 presenciaram um poderoso contra-ataque aos direitos da mulher [...] uma tentativa de reduzir o punhado de pequenas e sofridas vitórias que o movimento feminista a custo conseguiu” (Faludi, 2001, p. 17). Ele foi marcado pela ascensão dos Movimentos de Direita, impulsionados, principalmente, por grupos religiosos. Em decorrência disso, houve uma intensa repressão – inclusive, por parte da mídia – das conquistas e avanços das mulheres da década anterior.

O conto da aia alcançou sucesso mundial e a obra foi adaptada para uma ópera, em 2000, por Poul Ruders; um filme, em 1990, dirigido por Voler Schlöndorff e mais recentemente, em 2017, uma série produzida por Bruce Miller e exibida pela plataforma de *streaming* Hulu. A adaptação audiovisual venceu oito estatuetas do *Emmy* em 2017, incluindo o de ‘Melhor série dramática’, e deu ainda mais destaque e importância para a obra literária de 1985. Raffaella Baccolini (2022) destaca que houve até mesmo uma apropriação do símbolo icônico do traje das aias, pois a vestimenta foi e continua sendo usada em manifestações ao redor do mundo.

[E]sse símbolo também serviu para apoiar lutas políticas ao redor do mundo. De fato, a vestimenta das aias continua a ser usada em uma variedade de manifestações de protesto. No dia 26 de julho, na Polônia,

por exemplo, mulheres foram às ruas em protesto à decisão do governo de se retirar da Convenção de Istambul (que atua contra a violência às mulheres e a favor da proteção de vítimas de violência de gênero); em Perúgia, na Itália, no dia 22 de junho, mulheres vestidas de aias protestaram contra a decisão, por parte do governo local, de obstruir as requisições das mulheres por aborto farmacológico. Nos Estados Unidos, aias continuaram a regularmente ‘dar boas-vindas’ ao ex-presidente Trump em vários destinos de suas visitas oficiais, e encorajaram os protestos de grupos feministas transversais, como o ‘Ni una menos [Nem uma a menos]’. Offred e as aias têm prestado grande serviço às mulheres ativistas na formação de uma comunidade afetiva resiliente e combativa. Nesse contexto, a identificação tem sido capaz de sustentar movimentos e esforços políticos em apoio às vulnerabilidades comuns causadas pela opressão e por forças reacionárias, incluindo aquelas de regimes totalitários ou daqueles disfarçados de falsas democracias (Baccolini, 2022, p. 1262).

A obra de Atwood continua relevante atualmente, pois discute temas importantes como a opressão de gênero, o cerceamento da liberdade das mulheres, a fertilidade, o totalitarismo e apoio das massas. O texto ainda aborda a potencial força dos discursos sociais tanto para opressão e manipulação, quanto para a libertação feminina.

Tanto Offred como Tia Lydia são vítimas do regime. Elas possuem atribuições distintas e têm seus corpos limitados a se vestir e a agir de acordo com o papel que devem desempenhar socialmente. Em contrapartida ao controle exercido por Gilead, elas também dispõem de suas memórias e seu relato como formas de resistência e afirmação de sua individualidade dentro do sistema centralizador no qual estão inseridas. O objetivo principal deste artigo é analisar comparativamente as narrativas *O conto da aia* e *Os testamentos*, mais especificamente os relatos das narradoras Offred e Tia Lydia, com a finalidade de compreender os modos pelos quais o regime exerce controle por meio da linguagem. É de interesse também, analisar a linguagem como força centrífuga de resistência por parte das protagonistas e narradoras. Por meio das análises dos relatos de Offred e Tia Lydia, objetivamos também compreender melhor o funcionamento de Gilead, mais especificamente, as nuances que a linguagem, tanto como dispositivo de controle como força centrífuga de resistência revelam sobre os papéis sociais de Aias e Tias e a extensão e/ou falta de poder concedido a eles.

A DISTOPIA CRÍTICA ENTRE O CONTROLE E A RESISTÊNCIA

Neste artigo, partimos da categorização genérica de que o romance distópico de Atwood é uma distopia crítica feminista. A distopia crítica é considerada como uma derivação da distopia e está relacionada a textos distópicos que figuram tendências utópicas de transformação

do espaço social figurado, como por exemplo, movimentos de resistência – individuais ou coletivos. Baccolini e Moylan (2003) consideram que tais escritos apresentam uma narrativa hegemônica e uma contranarrativa de resistência, que pode ser percebida pela luta do/da protagonista diante do ambiente social opressor. Em *O conto da aia*, os acontecimentos são narrados pelo ponto de vista de Offred, que relata por meio de fitas gravadas os horrores que vivenciou enquanto estava em Gilead. Segundo Raffaella Baccolini (2022), uma das características da distopia crítica é a tentativa de manipulação pelo regime de acontecimentos oficiais e registros escritos com a finalidade de criar uma ‘versão oficial’ dos fatos e controlar a memória individual e coletiva da população. A República de Gilead, por exemplo, banuiu revistas, jornais e livros. Além disso, o Estado também controla as informações expostas na televisão.

Em relação à distopia crítica, Baccolini considera complementarmente que podem ser percebidas as seguintes características: hibridismo de gênero; o final ambíguo, que desafia o final trágico do/da protagonista em distopias tradicionais; a esperança precária e o desconforto.

O hibridismo de gênero, ou seja, a presença de convenções de outros gêneros em narrativas distópicas está presente tanto em *O conto da aia* como em *Os testamentos*. De acordo com a autora: “Margaret Atwood emprega as convenções do diário e do romance epistolar para narrar a vida de sua protagonista. Além disso, seu *Conto da aia* e sua sequência, *Os testamentos*, podem ser vistos como literatura de testemunho” (Baccolini, 2022, p. 1255).

Em relação ao final de *O conto da aia*, o último capítulo indica que seu relato (fitas gravadas) foi encontrado pelos professores de Cambridge, o que é fundamental para desvelar sua própria história e as violências impostas pelo regime. Apesar de sua fuga, não sabemos ao certo onde ela está, o que está de acordo com o final ambíguo apontado por Baccolini (2022). A obra também não figura um desfecho plenamente feliz, visto que anos após a queda do regime, as informações contidas nas fitas gravadas são editadas e contestadas, tanto pela academia quanto pelos professores de Cambridge. O professor Pieixoto, por exemplo, profere piadas de cunho machista durante o simpósio, que provocam risos na plateia. O capítulo denota que o silenciamento das mulheres, a presença de discursos misóginos e a sua aceitação por parte da sociedade ainda estão presentes, mesmo em um futuro distante em que Gilead está em ruínas. Tal característica justifica a esperança precária e o desconforto aparente ao final da obra.

Em 2019, Atwood publicou a continuação da narrativa, intitulada *Os testamentos*. O foco narrativo do romance é estruturado a partir da multiperspectiva e engloba os relatos de três personagens: Tia Lydia, Agnes e Daisy. Dentre as narradoras, Tia Lydia é a mais velha e a única a ter vivenciado a organização social anterior a República de Gilead. Ela também é uma das personagens de *O conto da aia*, e, inclusive, como uma Tia, ou seja, exerce funções importantes para o Estado, como o recrutamento das Aias.

No primeiro romance, conhecemos Tia Lydia pelo ponto de vista da protagonista - narradora Offred. Ela pode ser considerada, portanto, como uma personagem sem profundidade psicológica e sua função é a de representar a corporificação da opressão contra as mulheres,

visto que aplica castigos físicos e psicológicos nas Aias. Contudo, *Os testamentos* lança outra luz sobre o papel das Tias; mais especificamente, o de Tia Lydia. Por meio de seu relato, compreendemos sua conversão forçada ao sistema, como ela se tornou importante para o regime, as dificuldades de seu cargo e a sua luta por sobrevivência e contestação diante do regime opressor. A obra, portanto, contém características da distopia crítica, já que o relato da personagem é uma contranarrativa de resistência em relação à narrativa hegemônica. É importante perceber que o foco narrativo em primeira pessoa possibilita o conhecimento mais aprofundado da individualidade da personagem, que é retratada de uma maneira mais complexa em comparação a obra anterior.

Segundo Raffaella Baccolini (2022), *Os testamentos* pode ser considerada como literatura de testemunho, conforme citamos anteriormente. Nela, cada capítulo intercala os focos narrativos entre as três protagonistas: Tia Lydia, Agnes e Daisy. Apresenta, portanto, a multiperspectividade; uma das características do neodistópico, pois conforme pontua Felipe Benício de Lima (2022) há diferentes pontos de vista na narrativa e “[c]ada uma das perspectivas narrativas é como se fosse uma câmera de segurança instalada em locais estratégicos para que possamos ter uma visão panorâmica, o mais completa possível, de tudo o que importa para a construção dessa história” (Lima, 2022, p. 137). Os relatos das personagens de *Os testamentos* são fundamentais para a descentralização de um discurso monológico sobre a História, para a compreensão mais aprofundada do Estado totalitário figurado nas obras e seus dispositivos de controle, como também das complexidades emocionais e morais enfrentadas por elas na sobrevivência/resistência ao sistema. Em *O conto da aia*, apesar de não ser considerada como narrativa neodistópica, o relato de Offred também contribui para a descentralização do discurso histórico disseminado por Gilead e oportuniza reflexões a respeito da estrutura ficcional distópica.

Ainda quanto a sua caracterização como distopia crítica, a obra apresenta também a esperança precária e o desconforto. Dessa vez, não é apenas o relato de uma mulher que é desacreditado pelos professores de Cambridge como valioso documento para a compreensão do regime, mas o testemunho de três personagens (Lydia, Agnes e Daisy). Em Gilead, a reflexão e a disseminação de diferentes pontos de vista são severamente punidas com a morte ou o envio às Colônias. Essas personagens estavam correndo risco de vida ao transgredir o sistema imposto. Dessa forma, *Os testamentos*, assim como *O conto da aia*, têm um final que é muito mais inquietante do que feliz. A academia e as falas de Pieixoto e Wade dão continuidade ao silenciamento imposto às mulheres em Gilead.

Para as análises que pretendemos realizar sobre os romances *O conto da aia* e *Os testamentos* é importante que alguns conceitos sejam primeiramente discutidos: o dialogismo e a atuação de diferentes forças no discurso (centrípetas e centrífugas), de Mikhail Bakhtin e a noção de dispositivo, de Michel Foucault.

O filósofo russo Mikhail Bakhtin revolucionou a teoria linguística no século XX ao conceber a linguagem como um processo de interação mediado pelo diálogo. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), ele considera que a língua não pode ser compreendida como autossuficiente, pois ela é uma atividade caracteristicamente social. Dessa forma, o autor julga importantes as influências do contexto e do direcionamento da fala na interação entre falantes. O Círculo de Bakhtin nomeou de dialogismo a colisão, interação e diálogo entre signos. O termo foi um dos mais utilizados pelo grupo para descrever os embates das diferentes vozes do discurso na vida e nas trocas simbólicas. Para Bakhtin, o princípio dialógico é característico da linguagem, pois a constitui e está intrínseco a ela.

Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto. As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância (Bakhtin, 1997, p. 44).

Todo enunciado é dialógico e é por meio dele que é possível perceber uma orientação interna que é atravessada pelo discurso de outro/a. Assim, o indivíduo ao formular seu discurso considera o discurso alheio. Nas obras *O conto da aia* e *Os testamentos*, por exemplo, Offred e Tia Lydia têm ciência do discurso dominante e do contexto no qual estão inseridas, ou seja, a casta à qual pertencem e as de outras personagens. Tal conhecimento influencia em seu modo de agir e, de certa forma, condiciona suas interlocuções.

Em síntese, os discursos nunca são completamente isentos de influências, seja pela alteridade, por contaminações de enunciados anteriores, seja pelo meio social que os circunda. Eles se constituem, assim, como um embate de muitas vozes. Nesse embate, há um jogo em ação entre as vozes do poder. Bakhtin nomeia tal aspecto como a existência de diferentes forças, portanto, há as forças centrípetas e as forças centrífugas.

De acordo com Bakhtin (2002), as forças centrípetas têm como principal característica a centralização linguística da realidade. Dessa forma, há uma monologização do discurso que visa determinar uma única verdade sobre a realidade e desqualificar a tentativa de refutá-lo. Portanto, é o direcionamento do discurso, ou seja, a imposição dele como uma verdade absoluta. Nas palavras de Bakhtin:

A categoria da linguagem única é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e da centralização linguística, das forças centrípetas da língua. A língua única não é dada, mas, em essência, estabelecida em cada momento da sua vida, ela se opõe ao discurso diversificado (Bakhtin, 2002, p. 81).

Ao lado das forças centrípetas também atuam as forças centrífugas; as quais agem em um movimento de descentralização e atravessam a unificação imposta pelas forças centrípetas. Segundo o linguista José Luiz Fiorin (2011) elas visam erodir os discursos monologizadores por meio da derrisão. Como afirma Bakhtin em *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (1975), elas não atuam de maneira isolada, pois circulam de forma ininterrupta.

A estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação (Bakhtin, 2002, p. 82).

Compreendemos assim que, em qualquer contexto social, os discursos que circulam são influenciados e estão em interação com a noção de poder.

Em relação ao processo de construção da consciência e assimilação das vozes, Fiorin (2011) expõe que as vozes que têm a aderência incondicional como uma massa compacta, que resiste a impregnar-se de outras vozes e é incorporada como voz de autoridade, podem ser consideradas como centrípetas. Alguns exemplos nomeados pelo autor são: “a voz da Igreja, do Partido, do grupo de que se participa” (Fiorin, 2011, p. 47). Nas forças centrífugas, no entanto, as vozes são “permeáveis à impregnação por outras vozes, à hibridização, e abrem-se incessantemente à mudança” (Fiorin, 2011, p. 47).

Para Fiorin (2011), a constituição da consciência individual é resultante das inter-relações entre essas diferentes vozes/forças. Segundo o autor, quando há mais influências de vozes de autoridade, a composição do mundo interior dos indivíduos pode, portanto, apresentar uma tendência para uma consciência monológica. A tendência dialógica pode se manifestar caso seja constituída por uma formação maior de vozes internamente persuasivas.

Como explicado anteriormente, de acordo com a visão bakhtiniana, a língua é heterogênea, mutável, e os enunciados não são neutros, visto que, mesmo em pensamento, os indivíduos organizam o conteúdo da sua fala por meio de influências, seja do outro ou do meio social. Sobre a dimensão política dos conceitos de forças centrípetas e centrífugas, José Luiz Fiorin afirma que:

Com os conceitos de forças centrípetas e forças centrífugas, Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Não há neutralidade no jogo das vozes. Ao contrário, ele tem uma dimensão política, uma vez que as vozes não circulam fora do exercício do poder: não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer. Não se trata apenas da atuação do campo tradicional da política, ou seja, a esfera do Estado; estão em causa todas as relações

de poder, desde as do dia-a-dia até aquelas do exercício do poder do Estado (Fiorin, 2011, p. 29).

Dessa forma, a teoria bakhtiniana, principalmente os conceitos de relações dialógicas e a atuação de forças no discurso, são importantes para a compreensão e análise da estrutura social distópica figurada nos romances de Atwood. Em Gilead, a natureza patriarcal e machista é arquitetada sob fundamentação do discurso religioso, que é, inclusive, manipulado a fim de institucionalizar a prática da violência. Em vista disso, a Bíblia é uma espécie de Constituição, ou seja, o discurso religioso é imposto pela República de Gilead como uma voz de autoridade que legitima a misoginia, opressão e segregação das mulheres, bem como a reprodução e perpetuação de seus ideais por parte da população.

Como apontado por Fiorin (2011) na citação anterior, a submissão do discurso ao âmbito do poder não está restrita a esfera do Estado, mas em todas as relações, portanto, mesmo no dia a dia há a atuação do poder no caráter discursivo. A respeito do poder e sua propagação na sociedade, o filósofo e historiador Michel Foucault tece importantes considerações. Para Foucault (2011), o poder não está restrito a uma única instituição, pois se propaga como um feixe de relações. Os indivíduos, portanto, exercem a dupla função de objetos do poder e centros de transmissão desse mesmo poder.

A atuação de poderes e saberes formam o que Michel Foucault conceitua como dispositivo.

Em entrevista contida na coletânea *Microfísica do poder* o filósofo Michel Foucault explica o conceito de dispositivo da seguinte forma:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 2011, p. 216).

Para Foucault (2011), o dispositivo dispõe de uma constituição heterogênea, portanto, é formado por elementos distintos, sejam de ordem discursiva ou não. Ao nomeá-lo como rede, percebemos a sua estreita ligação com práticas sociais e o processo histórico. O filósofo afirma ainda que o dispositivo é “[...] como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (Foucault, 2011, p. 217). São estratégias que fazem com que o poder funcione em um contexto histórico específico.

A gênese do dispositivo pode ser explicada como uma urgência que é respondida de maneira estratégica a fim de ordenar de forma eficiente as relações entre os indivíduos e a sua realidade social. Assim, tais práticas podem fazer de sujeitos seus objetos, pois atuam como um nó e constituem, portanto, relações entre o saber (o dito) e o poder (não dito) que

ocasionam uma operação de subjetivação. Saber, poder e subjetivação “não são campos cujo perímetro pode ser fechado, mas correntes de variação que se envolvem, umas com as outras, e que são subtraídas umas das outras” (Chignola, 2014, p. 9).

A atuação de poder e saber impacta diretamente nas subjetividades dos indivíduos. Assim, julgamos necessária a conceituação de tais elementos, visto que compõem o interior dos dispositivos e nele agem. O saber é conceituado por Michel Foucault (2009) como um conjunto de elementos formados por uma prática discursiva e indispensável à constituição de uma ciência. Um saber é onde os enunciados se coordenam, se definem, se aplicam e se transformam. O autor considera também que ele é definido pelas possibilidades de utilização e apropriação oferecidas pelo discurso.

Na citação acima, é interessante as relações entre ciência e saber. O saber é indispensável à ciência, no entanto, é independente desta. Em face ao exposto, e de acordo com as considerações de Foucault, o saber não é exclusivamente composto pela ordem científica. Portanto, pode incluir saberes de outras instâncias. “O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (Foucault, 2009, p. 205). No entanto, o saber não é definido por qualquer prática, mas por práticas específicas, visto que está situado no âmbito do discurso. Ele é, portanto, constituído por meio de práticas regulares que ocorrem no interior dos discursos, os quais são efetivados por meio dos dispositivos.

Nas considerações de Gilles Deleuze (2005): “[...] na verdade, não há nada antes do saber, porque o saber, na nova conceituação de Foucault, define-se por suas combinações do visível e do enunciável próprias para cada estrato, para cada formação histórica” (Deleuze, 2005, p. 60). Portanto, os elementos constitutivos do saber estão sujeitos às modificações e transformações do contexto social e histórico. Eles entram em consonância a tais alterações, e, por conseguinte, ocorre a produção de diferentes formas de poder/saber.

As relações entre poder e saber são importantes para a constituição e funcionamento do dispositivo. Os dois conceitos não são concebidos como opostos, pois o autor Michel Foucault afirma que eles trabalham de maneira imbricada. Assim, poder produz saber. Ambos estão correlacionados, pois “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento” (Foucault, 1999, p. 31).

O saber, portanto, nunca é neutro, pois está conectado de maneira funcional ao poder. Desse modo, “[...] o poder não pode disciplinar os indivíduos sem produzir igualmente, a partir deles e sobre eles, um discurso de saber que os objetiva e antecipa toda experiência de subjetivação” (Revel, 2005, p. 78). Tal aspecto dispõe de caráter bilateral, pois o saber origina novas formas de poder e as relações de poder são constituídas a partir de saberes. Nessa dinâmica,

Tratar-se-á, por consequência, de analisar não somente a maneira pela qual os indivíduos tornam-se sujeitos de governo e objetos de conhecimento, mas também a maneira pela qual se acaba por exigir que os sujeitos produzam um discurso sobre si mesmos – sobre sua existência, sobre seu trabalho, sobre seus afetos, sobre sua sexualidade, etc. – a fim de fazer da própria vida, tornada objeto de múltiplos saberes, o campo de aplicação de um biopoder (Revel, 2005, p. 78).

Cada indivíduo está inserido em um contexto social particular e, portanto, suscetível à atuação de certos dispositivos. Gilles Deleuze, ao estudar o conceito empregado por Foucault, considera que o indivíduo é o resultado das relações de força estabelecidas por saberes e poderes, e é capaz de dobrar e desdobrar os padrões e convenções de uma época ou determinado momento histórico. Assim, o sujeito é subtração e ação nesse processo. Deleuze afirma que ele pode até mesmo ser considerado como um dispositivo, pois conecta e opera forças. “Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos actualidade do dispositivo” (Deleuze, 2005, p. 92). Como citamos anteriormente, os dispositivos respondem a uma urgência e são demarcados no âmbito social e histórico e, portanto, sua atualização é um processo constante.

Neste momento, iniciaremos as análises dos relatos de Offred e Tia Lydia nos respectivos romances: *O conto da aia* e *Os Testamentos*; com a finalidade de compreendermos a figuração da linguagem como dispositivo de controle e força centrífuga de resistência.

A LINGUAGEM COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE E FORÇA CENTRÍFUGA DE RESISTÊNCIA

O controle da linguagem, principalmente a leitura e a escrita, é uma estratégia usada para estreitar o pensamento crítico e o direito de expressão da população, bem como aumentar a disparidade entre as castas. A proibição dessas atividades é baseada no julgamento da República de Gilead sobre a suposta inferioridade intelectual das mulheres. O regime dissemina a ideia de que as mulheres são intelectualmente inferiores e que “possuíam cérebros menores, incapazes de formar pensamentos mais amplos” (Atwood, 2019, p. 17). Essa falácia é promovida com o objetivo de evitar que a população tenha acesso ao conhecimento e questione a ideologia imposta. Afinal, Gilead é um regime fundamentalista cristão que se baseia na religião para justificar a misoginia e a opressão das mulheres. Além da proibição da leitura e da escrita, a Bíblia é mantida inacessível a maior parte da população, o que dificulta ainda mais o surgimento de contestações contra o regime. Nesse contexto, os relatos de Offred e Tia Lydia são forças centrífugas, pois são capazes de desvelar novos pontos de vista sobre a sociedade distópica figurada nas obras.

Em Gilead, a maior parte dos livros foi queimada. O que sobrou está nas bibliotecas particulares de Comandantes ou nas bibliotecas que pertencem ao regime como por exemplo, a Biblioteca Hildegard, localizada dentro do Ardua Hall.

O Estado tenta suprimir letreiros e placas que possam levar a leitura. Quando vai às compras, por exemplo, Offred utiliza vales com imagens de alimentos: “Os vales têm diferentes ilustrações, das coisas pelas quais podem ser trocados: doze ovos, um pedaço de queijo, uma coisa marrom que deveria ser um bife” (Atwood, 2017, p. 15). O que também é uma tentativa de inferiorizar a capacidade intelectual das mulheres.

Antes da formação da República de Gilead, o trabalho de Offred consistia em transferir livros para disquetes de computador. Alguns deles eram doados e levados para a casa da personagem. Offred, que vivia cercada de livros, é proibida de ler e escrever após a tomada do Estado totalitário no poder. Na seguinte passagem, a personagem repara na quantidade de livros que há na sala do Comandante:

Mas por toda parte sobre as paredes há estantes. Elas estão cheias de livros. Livros e livros e livros, bem ali, bem visíveis a olho nu, sem tranças, sem caixas. Não é de espantar que não possamos entrar aqui. É um oásis do que é proibido. Tento não ficar olhando (Atwood, 2017, p. 148).

Essa abundância bibliográfica contrasta com a restrição da leitura e da escrita para as mulheres. Há uma tensão entre a curiosidade natural e a repressão ao conhecimento, que é, de certa forma, naturalizada pela personagem em razão do medo e da incerteza das consequências de ter contato com objetos considerados proibidos para ela.

Diferentemente da situação de Offred, a leitura e a escrita são permitidas para Tia Lydia, tendo em vista a posição de comando que ocupa nesse sistema. Ela tem, inclusive, permissão para frequentar a biblioteca em Ardua Hall e dispõe de um gabinete particular para essas atividades. Além do acesso aos livros proscritos, ela tem permissão para guardar e olhar os arquivos das Linhas Genealógicas e os documentos sobre crimes em Gilead. Como comenta a personagem:

Por fim cheguei a meu nicho secreto, nas profundezas da seção de Literatura Mundial Proibida. Nas minhas prateleiras particulares, separei minha seleção pessoal de livros proscritos, vetados às menos graduadas. *Jane Eyre*, *Anna Kariênina*, *Tess dos D’Urbervilles*, *Paraíso perdido*, *Vidas de meninas e mulheres* – que pânico moral qualquer um deles causaria se fosse parar entre as Postulantes! Aqui também guardo outra coleção de arquivos, acessíveis apenas a muito poucos; penso neles como a história secreta de Gilead. Nem tudo que aqui jaz é ouro, mas pode ter valor de maneiras não monetárias: conhecimento é poder, especialmente conhecimento danoso à reputação (Atwood, 2019, p. 36 - 37).

Para Offred, em contrapartida, o único item que provavelmente é esquecido ou deixado para que leia é uma almofada gasta bordada com a palavra fé: “Posso passar minutos, dezenas de minutos, percorrendo as letras com os olhos: FÉ é a única coisa que me deram para ler. Se fosse apanhada fazendo isso, será que contaria?” (Atwood, 2017, p. 64). O vocábulo pode, já que remete a esfera religiosa, ser uma representação irônica, pois o discurso religioso é instrumentalizado para fins de opressão e limitação do acesso à informação e ao conhecimento. A palavra bordada na almofada é pequena, no entanto, Offred ainda teme ser delatada por tê-la lido. O vocábulo é uma força centrípeta, visto que reforça a ideologia dominante sobre o controle da circulação de informações (o que é permitido e o que é proibido) e a restrição da leitura.

Apesar de ter acesso a um conhecimento significativo, Tia Lydia não tem total liberdade para usufruí-lo. A personagem sabe que não pode ler e escrever o que quiser, visto que seu relato é redigido em segredo e escondido no livro *Apologia pro vita sua: Uma defesa da própria vida*, do cardeal Newman.

A quase que total ausência de palavras escritas no cotidiano de Offred está relacionada a casta em que está inserida. Para as Aias, a capacidade de gerar prole e a objetificação de seus corpos para essa finalidade é o mais importante na visão do regime. As Tias, no entanto, necessitam do contato com o conhecimento, seja para transmitir uma imagem de sabedoria para a população e/ou para disseminarem e reforçarem a ideologia estabelecida. Além disso, uma das características do poder disciplinar, segundo Michel Foucault, é a de produzir conhecimento. O poder disciplinar, para o autor, é um conjunto de técnicas disciplinares que visam moldar o comportamento dos indivíduos e regular sua vida cotidiana a fim de gerar corpos úteis e dóceis. Assim, “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Foucault, 1987, p. 195). O conhecimento sobre as ações e reações do oprimido e da oprimida é importante para que ocorram melhoramentos e atualizações nos dispositivos. O conhecimento que é permitido para as Tias é estrategicamente pensado para o controle e manipulação da população. Embora Tia Lydia, em alguns momentos, o utilize como força centrífuga, como por exemplo, ao enviar informações por meio dos micropontos ao *Mayday*.

Neste momento, é importante destacar o quão cientes os Comandantes estão da importância do conhecimento. A leitura e a escrita não são atividades proibidas para eles, já que, como mencionamos, ostentavam livros em bibliotecas particulares em suas casas. A porta é quase sempre trancada nesses locais, portanto, a liberdade que têm é maior do que a das Tias. Esses privilégios estão de acordo com a visão binária entre os sexos propagada pelo regime, principalmente em relação a suposta incapacidade intelectual das mulheres e a superioridade dos homens. Esse discurso é um dos instrumentos que objetivam a aceitação das mulheres da disparidade entre o acesso às informações:

Ler não era coisa de menina: só homens tinham força para lidar com o poder da leitura; e as Tias, é claro, porque não eram como nós. Eu começava a me perguntar como uma mulher passava a ser Tia. Tia Estée certa vez dissera que você precisava ser chamada por Deus a ajudar todas as mulheres em vez de a uma só família; mas como é que as Tias haviam recebido esse chamado? Como haviam recebido sua força? Será que tinham cérebros especiais, nem fêmeos nem machos? Será que sob seus uniformes eram mesmo mulheres? Será que poderiam ser homens disfarçados? Essa mera suspeita já era impensável, mas, se fosse verdade, que escândalo! Fiquei pensando em como as Tias ficariam caso fossem obrigadas a usar rosa (Atwood, 2019, p. 156).

Na passagem, Agnes comenta que era como se as Tias não fossem como as outras mulheres, pois em razão da posição de comando e ao acesso ao conhecimento, a configuração biológica de seus corpos fosse similar a dos homens. Contudo, o acesso a livros pode ser visto como uma atividade complexa que poderia ‘contaminar’ as mulheres, ou seja, alterá-las psicologicamente. Para algumas pessoas, as Tias poderiam ter a mente e a cabeça sujas, conforme a conversa que ocorre entre Zilla, Vera (Marthas) e Agnes:

– Mas eu não gostaria de ser uma delas – acrescentava Zilla. – Por que não? – perguntei a ela certa vez. – Fazem trabalhos sujos – disse Vera [...] – Ficam com as mãos sujas. – Para a gente não ter que sujar – disse Zilla delicadamente, espalhando a massa de torta com o rolo. – A cabeça delas também se suja – falou Rosa. – Queiram elas ou não. [...] – Sabe lá no que elas são obrigadas a chafurdar! Sabe lá em que pocilga. – Antes elas do que nós – disse Zilla. – Elas não podem ter marido – disse Rosa. – Não que eu mesma fosse querer um, mas ainda assim. Nem bebê. Também não podem ter. – São velhas demais, de qualquer forma – disse Vera. – Tudo ressecado já (Atwood, 2019, p. 234).

Essa perspectiva faz com que as Tias tenham tanto o respeito da população como a sua condenação, já que elas têm acesso a algo que é considerado como difícil de compreender e que, no entanto, poderia deixá-las, de certa forma, ‘impuras’. O conhecimento é disseminado como algo perigoso. Paradoxalmente, o discurso moldado de que as Aias são ignorantes por terem cometido desvios/pecados – também gera segregação e um tratamento hostil contra elas. Elas são chamadas de vadias, pecadoras, mulheres que, se não fosse pela sua capacidade reprodutiva, seriam facilmente descartadas e impedidas de frequentar os mesmos locais que outras.

As Tias são condicionadas a serem as propagadoras de uma visão de mundo restrita e simplificada, conforme a seguinte passagem: “Estar onde estou não é uma prisão e sim um privilégio, como dizia Tia Lydia, que era apaixonada por ou isto ou aquilo” (Atwood, 2017, p.

11). Característica que pode ser considerada como uma força centrípeta. No Centro Vermelho, elas são coagidas e serem as responsáveis por reforçar a ideologia dominante. Exemplos disso são as orações e gravações em disco sobre Beatitudes que colocavam para as Aias ouvirem. As Tias, como também são vítimas do regime, não têm liberdade para discutir livremente assuntos que não sejam do interesse da República de Gilead. No entanto, a sua comunicação é quase totalmente irrestrita, ao serem comparadas com as Aias.

A protagonista e narradora de *O conto da aia* não tem qualquer liberdade de comunicação nas casas dos Comandantes. A ausência de interação com Offred nesses locais é, portanto, um resultado do abismo entre as castas, do saber construído para validar a opressão contra as Aias e da doutrinação disseminada pelas Tias. O silêncio é incômodo para a personagem e, na seguinte passagem, Offred revela que gostaria que a situação fosse diferente e que houvesse uma interação entre ela e as Marthas, por menor que fosse.

Hoje, a despeito do semblante carrancudo de Rita e dos lábios cerrados, eu gostaria de ficar aqui, na cozinha. Cora poderia entrar, vinda de alguma outra parte da casa, trazendo sua garrafa de óleo de limão e seu espanador, e Rita faria um café — nas casas dos Comandantes ainda existe café de verdade —, e nos sentaríamos à mesa da cozinha de Rita, que não é de Rita tanto quanto a minha mesa não é minha, e conversaríamos, sobre nossos grandes e pequenos males, dores e incômodos, doenças, sobre nossos pés e nossas costas, todos os diferentes tipos de peças que nossos corpos, como crianças travessas, podem nos pregar. Daríamos acenos de cabeça, à guisa de pontuação, para as vozes umas das outras, num sinal de que sim, sabemos de tudo a respeito disso. Trocaríamos remédios e tentariamos superar umas às outras no relato de nossos sofrimentos físicos, suavemente nos queixaríamos as vozes mansas e em tom menor e chorosas como as de pombas nas calhas dos telhados. *Eu sei do que você está falando*, diríamos. Ou, uma expressão antiquada que por vezes ainda se ouve, de gente mais velha: *Conheço os passos dessa estrada, já passei por ela*, como se a própria voz fosse um viajante, chegando de um lugar distante. O que de fato seria, o que de fato é. Como eu costumava desprezar esse tipo de conversa. Agora anseio por elas. Pelo menos eram conversas. Uma troca, por menor que fosse (Atwood, 2017, p. 14).

A personagem destaca a carência por companhia e por apoio mútuo. Tais necessidades enfatizam a solidão e o isolamento que sente nessa sociedade distópica. O desejo por conexão humana, tendo como base a sua vida passada e sua interação com familiares e amigos/as, pode ser a manifestação da utopia enquanto pensamento crítico perante a realidade e sua aspiração por mudança. Offred reconhece que o cotidiano provavelmente seria mais suportável caso houvesse apoio mútuo e compartilhamento de informações. A utopia para Offred é um

passado que já existiu, mas que não está mais presente. Ela sente falta da filha, das conversas com a sua mãe e com a amiga Moira, bem como da convivência que tinha com Luke. Esses aspectos são fundamentais para manter a esperança da personagem, pois acredita que algum dia irá reencontrá-los.

A projeção de possibilidades melhores é uma característica apontada por Ildney Cavalcanti (1999) a respeito das distopias críticas feministas. A autora considera ainda que isso pode ser manifestado na escrita, pois é nela que reside a autoconsciência textual e “é um ato de esperança por si próprio”¹(Cavalcanti, 1999, p. 4, tradução nossa). Tanto Offred quanto Tia Lydia deixam importantes documentos que refletem sobre a estrutura distópica em Gilead, as fitas gravadas e o relato escrito, respectivamente. Analisaremos tais aspectos mais adiante.

Tia Lydia, por sua vez, apesar de não expressar claramente a falta que sente em relação às interações humanas, relata o quanto foram difíceis as suas conquistas profissionais, pois era a única de sua família com curso superior. Ela o concluiu por meio de bolsas e porque trabalhou noites em subempregos. A personagem relata também que advém de um ambiente familiar opressivo, como na seguinte passagem: “[E]u era menina, e, pior ainda, uma menina metida a espertinha. Nada a fazer senão tirar essa pretensão de mim a safanões, com punhos, botas ou o que quer que estivesse mais à mão” (Atwood, 2019, p. 112). O conhecimento e a independência financeira provavelmente foram fundamentais para que Tia Lydia conseguisse sair dessa situação.

A ausência de apoio familiar, seja emocional ou financeira, fez com que a jornada da personagem tenha sido ainda mais difícil. A regressão imposta pelo regime, portanto, causou um abalo psicológico significativo para ela, visto que é como se todos os seus esforços - pessoais ou profissionais (enquanto juíza) - tivessem sido em vão. Em vista disso, ela direciona a sua trajetória com cautela. A sua luta é, de certa forma, constante e por meio de pequenos passos e conquistas diárias, conforme pontua a personagem:

Eu passei meus primeiros anos fazendo coisas que me disseram ser impossíveis para alguém como eu. Ninguém na minha família fora à faculdade, eles me detestavam por eu ter ido, eu tinha chegado lá com bolsas e virando noites em subempregos. Isso te fortalece. Você fica obstinada. Eu não pretendia ser eliminada sem luta. Mas nada do meu verniz pós-faculdade me serviria naquela situação. Eu precisava retornar à garota acintosa de classe baixa, à burra de carga determinada, à prodígio intelectual, à alpinista estratégica que me alçara ao alto nível social do qual eu acabava de ser destituída. Eu precisava comer pelas beiradas, uma vez que eu tivesse descoberto onde elas estavam (Atwood, 2019, p. 117).

A personagem age com determinação e está obstinada a superar as dificuldades. Em suas atitudes, Tia Lydia é cuidadosa e estratégica, como também busca a adaptação ao sistema

¹“it is in itself an act of hope” (Cavalcanti, 1999, p. 202).

como um plano de sobrevivência. A utopia também está presente no seu discurso, visto que ao longo da narrativa mantém a crença/esperança de que seus esforços não serão inúteis. De fato, as ações da personagem culminam em um nível de influência e poder que é capaz de causar um abalo significativo na estrutura distópica.

A crença de que não seria eliminada sem luta é similar ao momento em que Offred encontra o escrito em latim *Nolite te bastardes carborundorun*, que significa: “Não deixe que os bastardos esmaguem você” (Atwood, 2017, p. 201). As palavras foram riscadas no armário que está no quarto em que dorme, muito provavelmente pela Aia que estava lá antes de Offred. De início, a personagem não sabe o seu significado, mas a evoca nos momentos em que reza em busca de fortalecimento espiritual e mental. A frase “é também uma obscenidade sussurrada sobre aqueles no poder que é secretamente transmitida de uma Aia para outra”² (Bouson, 2001, p. 54, tradução minha) e reafirma o desejo de tentar manter a individualidade em meio a opressão exercida pelo regime. Assim, é um registro escrito, que funciona como uma mensagem secreta e proibida enviada anonimamente para Offred. Um pequeno desvio e ato de resistência na rotina da protagonista. Ela mantém a esperança e a conexão entre mulheres de tempos diferentes nesse ambiente hostil.

A protagonista reflete, em diversos momentos da narrativa, sobre o uso da linguagem, mais especificamente sobre as palavras e seus diferentes usos e significados. A seguir, há um exemplo em relação a palavra cadeira:

Sento-me na cadeira e penso na palavra *cadeira*. Também pode significar o lugar ocupado pelo líder que preside uma reunião: ocupa a cadeira da presidência. Também pode significar um instrumento para execução de condenados. É a primeira sílaba de *caridade*. Em inglês cadeira é *chair*, que é a palavra francesa que significa carne. Nenhum desses fatos tem qualquer ligação com os outros. Esses são os tipos de litâneas que uso, para me compor (Atwood, 2017, p. 117).

As reflexões de Offred sobre a polissemia das palavras são movimentos centrífugos de resistência e estratégias para manter a sanidade em um ambiente repressivo em que a escrita e a leitura são proibidas. Por meio do seu pensamento crítico, “Offred não apenas registra sua resistência ao discurso oficial e ao discurso totalizador do Estado, ela também indica seu desejo desesperado de manter algum senso de controle. [...] Palavras, para Offred [...] são também guias para a realidade que ela está determinada a preservar”³ (Bouson, 2001, p. 54). Os múltiplos significados das palavras revelam a riqueza e a complexidade da linguagem. A

² “is also a whispered obscenity about those in power which is secretly passed from one Handmaid to another” (Bouson, 2001, p. 54).

³ “Offred not only registers her resistance to the official speech and totalizing discourse of the state, she also signals her desperate desire to retain some sense of control. [...] Words, to Offred [...] are also signposts to the reality she is determined to hold on to” (Bouson, 2001, p. 54).

República de Gilead, em contrapartida, objetiva por meio de forças centrípetas, como por exemplo, a censura e a proibição do acesso ao conhecimento, suprimir essas características.

O questionamento acerca da linguagem também é realizado por Tia Lydia. No entanto, ela não reflete sobre a polissemia das palavras, mas a respeito do conteúdo ideológico delas. Ela mesma afirma que foi tarefa das Tias a criação de hinos e lemas do regime e tem ciência que o objetivo dessas frases é a reafirmação da ideologia dominante e a manipulação discursiva:

Me agrada muito ter urdido um mote tão dúbio. Será que *Ardua* era ‘dificuldade’ ou “trabalho de parto da mulher”? Será que Estrus tinha a ver com hormônios ou com os ritos pagãos de primavera? As habitantes de Ardua Hall não sabem nem se importam. Elas apenas repetem as palavras certas na ordem certa, e, assim, estão seguras (Atwood, 2019, p. 34 - 35).

Uma característica comum para ambas as personagens é que essas reflexões são sempre realizadas em seus pensamentos e nunca pronunciadas em voz alta. A incerteza sobre a presença ou não de microfones faz com que elas tenham cautela sobre as ideias que expressam – para elas mesmas e para outras personagens. Offred, por exemplo, relata que era proibido cantar. A música e expressões de arte (como a literatura) são proibidas, pois podem suscitar o pensamento crítico. Como alternativa, ela relata que canta em seus próprios pensamentos. É interessante notar que para as Marthas (Rita e Cora), bem como a Esposa (Serena Joy) o canto é permitido. Essa atividade também é possível para as Tias. Assim, novamente percebemos o apagamento desse modo de expressão para as Aias, pois o que é esperado delas é que sejam invisíveis e apenas identificadas como corpos úteis para a procriação.

A partir desse momento, analisaremos os relatos de Offred e Tia Lydia como contranarrativa de resistência em relação a narrativa hegemônica. Os relatos são importantes escritos que desvelam a organização social distópica e a trajetória dessas protagonistas.

Com a ajuda do *Mayday*, Offred consegue escapar da casa do Comandante. Ela documenta sua história em fitas gravadas. “Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido” (Atwood, 2017, p. 46). Diferentemente de Offred, Tia Lydia registra a sua história em um documento escrito. O título do documento é: O Hológrafo de Ardua Hall. Nele, a personagem narra seu passado, suas atividades como Tia, a forma como foi recrutada para atuar no regime e seu papel na criação das leis de Gilead.

Em ambos os relatos as personagens evocam um/a possível leitor/a. Alguém para quem elas estariam direcionando essas mensagens e que em algum momento iria recebê-las. Essa projeção de um/a leitor/a denota esperança de que algum dia elas viriam a público e poderiam mudar os rumos dessa sociedade opressora. Em *O conto da aia*, Offred menciona: “Uma história é como uma carta. *Caro Você*, direi. Apenas você, sem nome. [...] Eu direi *você, você*, como uma velha canção de amor. *Você* pode ser mais de uma pessoa. *Você* pode significar milhares”

(Atwood, 2017, p. 46). Tia Lydia, por sua vez, acredita que a pessoa para quem seu relato é direcionado seria provavelmente uma mulher:

Talvez você esteja estudando história, e nesse caso espero que você faça algo de útil comigo: um retrato com verrugas e tudo, um relato definitivo da minha vida e época, com as devidas notas de pé de página; ainda que, se você não me acusar de má-fé, eu ficarei atônita. Na verdade, nem mesmo atônita: estarei morta, e mortos são difíceis de surpreender. Eu te imagino como uma moça, inteligente, ambiciosa. Você vai estar tentando encontrar um nicho seu seja lá em que grutas acadêmicas obscuras e cheias de ecos que ainda persistam na sua época. Eu te vejo em sua escrivaninha, cabelo enfiado atrás da orelha, esmalte lascado nas unhas – porque o esmalte vai ter voltado, ele sempre volta. Você está franzindo um pouco a testa, um hábito que vai piorar com a idade. Eu paio sobre seus ombros, espiando: sua musa, sua inspiração invisível, instando-a a trabalhar (Atwood, 2019, p. 389).

A personagem tem expectativa de que seu relato possa ser útil para compreender a sua própria jornada e a sua versão da história oficial, oportunizando uma compreensão ainda maior do período histórico e dos crimes em Gilead. No relato de ambas as personagens, a projeção de um/a leitor/a pode ser a manifestação da utopia enquanto um desejo; esperança. Na passagem anterior, Tia Lydia inclusive menciona que a sua leitora seria uma pesquisadora com o objetivo de analisar o seu relato.

Os relatos das personagens Offred e Tia Lydia denotam a utopia enquanto esperança; uma mensagem na garrafa para as gerações futuras. Conforme o historiador Luigi Firpo em um discurso proferido em 1983: “A utopia é historicamente uma mensagem na garrafa, a mensagem de um naufrago” (Firpo, 2005, p. 229). No entanto, o capítulo final (com comentários de professores de Cambridge) tanto em *O conto da aia* como em *Os testamentos* não apresenta um desfecho plenamente feliz. Na verdade, o que ocorre é uma esperança precária e um desconforto, que, para Raffaella Baccolini (2022), são característicos da distopia crítica. O conteúdo dos relatos expõe perspectivas distintas sobre as violências que as personagens foram submetidas e são encontrados por pessoas de fora dos muros de Gilead anos após a derrota do regime. No entanto, esses textos passam por edições e validações, seja pela academia seja por outros homens. Assim, sua veracidade é contestada e as informações são descredenciadas enquanto testemunhos dos horrores que Offred e Tia Lydia vivenciaram. Gilead pode ter sido destruída, mas a misoginia continua presente na sociedade.

Analisaremos, a partir de agora, o último capítulo dos romances *O conto da aia* e *Os testamentos*, principalmente os comentários dos professores de Cambridge sobre os testemunhos de Offred e Tia Lydia, respectivamente.

O *conto da aia* é dividido em duas partes: a primeira parte contém os testemunhos da personagem Offred e a segunda as Notas Históricas. No último capítulo (Notas Históricas), o/a leitor/a descobre que tem acesso a uma versão recuperada e editada da história da personagem. Dessa forma, sua narrativa é mediada pelos professores de Cambridge: Pieixoto e Wade. Em *Os testamentos* algo similar ocorre. A obra é composta pelos relatos das personagens Tia Lydia, Agnes e Daisy, sendo o último capítulo intitulado O Décimo terceiro simpósio. Nessa parte, também há comentários dos professores de Cambridge, pois foram eles que encontraram os textos.

Tanto no relato de Offred como no relato de Tia Lydia, Pieixoto, em diversos momentos, questiona a autenticidade dos documentos. Em *O conto da aia*, durante o Décimo segundo simpósio, o professor comenta:

[Offred] poderia ter nos contado muito sobre o funcionamento do império de Gilead, se tivesse tido os instintos de uma repórter ou de uma espiã. O que não daríamos, agora, por até mesmo vinte páginas impressas tiradas do computador particular de Waterford? Contudo devemos ser gratos por quaisquer migalhas que a Deusa da História tenha se dignado a nos conceder (Atwood, 2017, p. 328).

Nessa passagem, fica claro que o professor de Cambridge não reconhece o testemunho ocular de Offred como suficiente para a compreensão do funcionamento de Gilead. Nas palavras de Grace (2001), ele valoriza mais um texto escrito, que sequer existe, do que o testemunho oral de uma sobrevivente daquele período. Além disso, o historiador se recusa a reconhecê-lo como um documento histórico: “este objeto – eu hesito em usar a palavra documento” (Atwood, 2017, p. 317). As críticas e dúvidas do historiador também se lançam ao documento escrito à mão por Tia Lydia. Dentre os comentários de Pieixoto, ele cogita que o relato pode ter sido forjado e seria uma espécie de falsificação feita por alguém de Gilead ou que Tia Elizabeth ou Tia Vidala o redigiram em uma tentativa de incriminar Tia Lydia.

O historiador relativiza não apenas o documento escrito por Tia Lydia, mas também questiona os testemunhos de Agnes e Daisy. Ele acredita que “a história das meninas sobre a ‘Tia Lydia’ seja ela mesma um despiste, com intuito de proteger a identidade do verdadeiro agente duplo do Mayday para o caso de alguma traição de dentro do próprio Mayday” (Atwood, 2019, p. 396).

Os relatos passam, portanto, por uma espécie de ‘validação’ acadêmica e pela crítica de homens que duvidam da veracidade dos testemunhos e sobre o que essas mulheres passaram. Tais ações e reações não deixam de ser formas de violência também. “A misoginia se apresenta, portanto, como uma condição anterior, introdutória, ao olhar e à intervenção do discurso masculino sobre o discurso feminino” (Freitas, 2022, p. 50).

Offred e Tia Lydia arriscam suas vidas ao registrar suas histórias. Essas atividades (a leitura e a escrita) exigem o exercício da imaginação e da reflexão; características não muito interessantes para um regime que preza pelo monologismo de ideias e que pune severamente aqueles/las considerados/das como transgressores/as. Até mesmo Tia Lydia, poderia ser punida pelo conteúdo de seu relato, pois expõe seus próprios desvios de conduta e a natureza opressora e corrupta do regime.

Uma vez isolada, retirei meu manuscrito em gestação de seu esconderijo, um retângulo oco cortado no interior de um de nossos livros sob censura máxima: *Apologia pro vita sua: Uma defesa da própria vida*, do cardeal Newman. Ninguém mais lê aquele tomo tão pesado, sendo o catolicismo considerado uma heresia e praticamente irmão do vodu, de forma que dificilmente devem espiar aqui dentro. Ainda assim, se alguém espiar, será uma bala na cabeça para mim; uma bala prematura, porque ainda estou bem longe de estar pronta para partir. Se e quando eu partir, planejo fazê-lo com um estrondo bem maior que esse. Escolhi meu título sabiamente, porque o que mais estou fazendo aqui senão defendendo minha vida? A vida que levei. A vida – pelo que digo a mim mesma – que não tive escolha senão levar (Atwood, 2019, p. 37).

A relativização, por parte do historiador e da academia, é covarde e injusta. Como citamos anteriormente, apenas por registrarem suas histórias, as personagens já estavam correndo risco de vida, pois estão transgredindo/resistindo ao sistema imposto. O ato de registrar/ documentar os acontecimentos, seja pela narrativa oral (Offred) seja pelo registro escrito (Tia Lydia), pode ser utilizado como um meio de documentação e é uma força centrífuga contra a manipulação dos fatos históricos e a disseminação de um único ponto de vista como verdadeiro e válido. “O trabalho fundamental de Offred, aquilo contra o que ela luta incessantemente, é propor alternativas à história oficial, contá-las arriscando sua própria vida se capturada” (Freitas, 2022, p. 53). Assim, concordamos com Parucker (2018), ao afirmar que o ceticismo de Pieixoto não deixa de ser um modo de compactuar com o silenciamento imposto às mulheres em Gilead.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *O conto da aia e Os testamentos*, o cerceamento da linguagem é perceptível tanto pela proibição da leitura, escrita, assim como pela repressão da linguagem falada e da circulação de informações. Offred, por exemplo, é proibida de ler e escrever, como também não tem qualquer acesso a livros. O único vocábulo que o regime propositalmente deixa para que ela leia é a palavra fé, justamente por fortalecer a esfera religiosa. Em relação a escrita, as únicas que podem escrever são as Tias, no entanto, mesmo Tia Lydia redige seu relato em segredo,

pois sabe que se fosse encontrado, seria delatada. A permissão para ler e escrever não é um privilégio pessoal, mas uma ferramenta de manutenção do regime, pois como Tia, para ela foi imposta a tarefa de ensinar e reforçar a ideologia dominante.

A linguagem, entretanto, não é apenas um dispositivo de controle, pois também é uma força centrífuga de resistência. Os relatos de ambas as personagens são evidências disso. Offred e Tia Lydia documentam os horrores vivenciados em Gilead e desafiam a imposição de uma única narrativa oficial. Seus relatos atuam como forças centrífugas que desestabilizam o discurso hegemônico e oferecem novas perspectivas sobre a sociedade distópica de Gilead.

Em suma, a própria existência das personagens Offred e Tia Lydia e a de seus relatos são movimentos centrífugos de resistência contra o apagamento e a violência a que as mulheres são submetidas, dentro e fora de Gilead. O conteúdo de seus relatos expõe perspectivas distintas sobre as agressões que vivenciaram e a que foram expostas, assim como, podem propiciar a reflexão e a conscientização de pessoas de fora dos muros de Gilead. As histórias de Offred e Tia Lydia são exemplos de luta por voz e liberdade em uma sociedade que busca incessantemente silenciá-las e controlá-las.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, M. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, M. **Os testamentos**. Trad. Simone Campos. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

BACCOLINI, R; MOYLAN, T. (ed.). **Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination**. New York: Routledge, 2003.

BACCOLINI, R. Recuperando a esperança em meio à escuridão: o papel do gênero em narrativas distópicas. Tradução: Evanir Pavloski e Thayrone Ibsen. **REVISTA X**, v. 17, n. 4, p. 1245-1266, 2022.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Editora: UNESP e HUCITEC, 2002.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOUSON, J. B. The Misogyny of Patriarchal Culture in *The Handmaid's Tale*. In: BLOOM, H. **Margaret Atwood's The Handmaid's Tale (Modern Critical Interpretations)**. New York: Chelsea House, 2001. p. 41 - 62.

- CAVALCANTI, I. **Articulating the elsewhere**: utopia in contemporary feminist dystopias. 1999. Tese – Department of English Studies, University of Strathclyde, Scotland, 1999.
- CHIGNOLA, S. **Sobre o dispositivo**: Foucault, Agamben, Deleuze. In: Cadernos IHU ideias, v. 12, n.214, 1- 25, 2014.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FALUDI, Susan. **Backlash**: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.
- FIRPO, L. “Para uma definição de Utopia”. **Morus - Utopia e Renascimento**. Campinas: Unicamp, v. 02, p. 227-237, 2005.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. 27. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREITAS, E. P. C. **“Eu não queria estar contando esta história”**: o professor Pieixoto cont(r)a O conto da Aia. 2022. Tese (Doutorado). Pós – Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
- LIMA, F. B. **O neodistópico**: metamorfoses da distopia no século XXI. 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- PARUCKER, I. G. **“Vivíamos nas lacunas entre as histórias”**: ficção, história e experiência feminina em *The Handmaid’s Tale*, de Margaret Atwood. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

Recebido para publicação em: 17 set. 2024.

Aceito para publicação em: 7 abr. 2025.